

LUIZ VIANNA FILHO

A  
LINGUA DO BRASIL

A GRAPHICA  

---

1936 - BAHIA

9.798

4

R

LUIZ VIANNA FILHO

A

LINGUA DO BRASIL

A GRAPHICA

1986 - BAHIA



*No curso da legislatura passada, foi apresentado à Camara dos Deputados um projecto mandando denominar «Lingua Brasileira» a lingua que falamos. Na qualidade de membro da Comissão de Educação e Cultura teríamos que opinar, antes do plenario, sobre a inovação que se pretendia. Dahi os estudos que se resumem neste folheto, cujo ponto de vista tivemos o prazer de ver adoptado por conterraneos illustres como os Drs. Carneiro Ribeiro, Gonçalo Muniz, Carlos Chiacchio e Prado Valladares, que pela imprensa debateram o assumpto com a competencia por todos reconhecida.*

*Mas, não nos sentiríamos satisfeitos, se a esta publicação não juntassemos os nossos agradecimentos aos Sr. Laudelino Freire, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, que muito nos ajudaram.*

*Bahia, maio, 1936.*



## CAPITULO I

*Lingua e lingua commun — Sentido scientifico e corrente — Confusão em torno ao mesmo vocabulo.*

Quando se pretende romper a nossa tradição, em materia de linguagem, bipartindo-a em lingua brasileira e lingua portugueza, a primeira Interrogação que se nos depara é sabermos o que é uma lingua, e, ainda mais, os marcos que separam uma de outra.

Chega mesmo a parecer, que, collocada nesse ponto, a questão seria de logo derimida, desde o momento em que conseguissemos definir o que seja uma lingua.

Tomemos, por exemplo, a grande obra de Meillet et Cohen, onde, ao par da confissão do quanto é imprecisa a terminologia, encontramos esta definição: "A terminologia linguistica, dizem-n'o os illustres autores, está pouco fixada e precisa; é mister definir os termos lingua (idioma), dialecto, fala, patois, lingua especial e argot. A palavra lingua, no sentido

lato é o mais geral: designa um conjuncto de meios linguísticos empregados por um grupo de homens, qualquer que seja a sua extensão e qualquer que seja o seu valor sob o ponto de vista de civilização." (1).

Tal definição, pode dizer-se, é geralmente accellta e significa que a existencia dum conjuncto de meios linguísticos empregados por qualquer grupo de homens seria o *quantum satis* para se affirmar, em rigor scientifico, a existencia duma lingua. Não seria, pois, desviar-se dos bons e puros principios da linguística dizer-se que ao occorrerem differenças entre um conjuncto de meios linguísticos e outro, teriamos duas linguas differentes. Foi esse, aliás, o caminho sempre seguido pelos que se têm dedicado a taes estudos. De logo, porém, viram-se a braços com um obstaculo intransponivel: — de que natureza e de que intensidade deveriam ser essas differenças demarcadoras das fronteiras duma lingua? Tão grandes como as que separam o allemão do francês, a ponto de se não entenderem os homens de um grupo com os outros, ou tão tenues como os que se notam entre o falar de Portugal e Brasil, ou entre o do Nordestino e do Gaúcho? Era impossivel determinal-as. Nenhum dos muitos sabios que se têm entregue a pesquisas no campo da linguagem ousou ou conseguiu fixal-as. Accordaram por isso em que as differenciações entre uma lingua e outra poderiam ser de qualquer natureza e intensidade. E a consequencia desse criterio, o unico existente na sciencia da linguística, teve de se impôr: cada individuo tem a sua lingua. Desde que se não indagava se as differenciações attingiam tal ou qual grau, se chegavam

---

(1) — Meillet et Cohen — *Les langues du Monde*, pg. 18.

ao ponto de tornar inintelligíveis as linguagens de um e outro grupo ou se eram ligeiras divergências na phonetica, na syntaxe ou no lexico que não perturbavam a finalidade social da lingua — a communicabilidade do pensamento entre os homens — não houve como fugir á conclusão a que, entre outros, chegaram Whitney e Vendryes: cada individuo tem a sua lingua. E' o que adverte Vendryes: "Por uma dessas antinomias linguisticas que estudou Victor Henry, a linguagem é ao mesmo tempo una e multipla; é a mesma em todos os povos e no emtanto se diversifica ao infinito em todos os seres que falam. E' evidente que dois individuos jamais falam exactamente do mesmo modo". (1). E acrescenta: "Não é errado pretender que ha tantas linguagens diferentes quantos são os individuos. (2). E chega mesmo a escrever, com a firmeza que lhe é peculiar, que "uma theoria geral da linguagem se detem de logo nessa difficuldade que consiste em não saber o linguista que limite fixar ao seu estudo, ficando indeciso entre a consideração do individuo e a da especie inteira." (3)

E' tambem o que nos ensina Whitney: "A sciencia de linguagem tornou banal essa distincção (refere-se a lingua e dialecto). Ella nos ensinou que os signaes que cada homem emprega para se exprimir constituem a sua lingua ou uma lingua." (4). E' o mesmo pensamento que já deixára paginas atraz: "Não devemos exagerar a uniformidade das linguas existentes; ella está longe de ser absoluta;

---

(1) — J. Vendryes — Le Langage, pg. 273.

(2) — Idem — pg. 274.

(3) — J. Vendryes — Le Langage pag. 274.

(4) — Whitney — La Vie du Langage — pg. 146.



em certo sentido poderíamos dizer que cada pessoa tem a sua lingua." (1).

E' evidente que assim sendo não saberíamos onde começa e acaba uma lingua, pois tudo se reduziria a uma questão de diferenciações maiores ou menores. Como, então, decidir?

### CRITERIO SCIENTIFICO

Aos linguistas, por certo mais interessados em observarem as modalidades que a linguagem toma em cada latitude, em cada grupo de homens, ou mesmo em cada individuo, não importou e nem importa fixarem limites entre uma lingua e outra, estabelecendo fronteiras entre as maneiras de falar em que se divide a Terra. Contentaram-se em assinalar com a palavra *lingua* uma forma qualquer, mais clara ou menos clara, mais extensa ou menos extensa, sabia ou inculta, que a linguagem, nas suas perpetuas transformações, viesse a apresentar em qualquer circulo social ou zona geographica.

Tivessemos, portanto, de opinar apenas sobre o permittir ou não a sciencia da linguistica a adopção do projecto e ha de parecer aos mais afoitos, que sómente nos restaria apôr á pretensão dos idéadores do projecto, o *nihil obstat*. No entanto, tal não é verdade. E isso porque se quizermos usar do vocabulo *lingua* com o rigôr de até agora, bem se verá que, no Brasil, não temos uma lingua e sim varias linguas, taes as diferenciações existentes, não de individuo a individuo, mas de região a região do nosso territorio, como ninguém ignora. Não possui-

---

(1) — Whitney — *La Vie du Langage* — pg. 128.

mos, e nenhum paiz o possui, uma unidade linguística. Como ensina Souza da Silveira, "uma lingua de grande extensão geographica é uma entidade abstracta; logo que a consideramos falada vemol-a logo diversificada, segundo as regiões, na phonetica, na morphologia, na syntaxe e no lexico, e a cada região corresponde um dialecto." (1) Tambem Whitney ensina o mesmo: "Cada provincia de um grande paiz, falando a mesma lingua, tem suas formas locaes mais ou menos accentuadas, mesmo que, como acontece na America, não haja uma velha lingua nacional." (2).

Resalta, pois, com evidencia meridiana, que se dermos á expressão lingua o seu valôr rigoroso e preciso, não a poderemos empregar para os varios conjunctos de melos linguisticos em que se divide a linguagem falada no Brasil. Se o fizessemos incorreriamos em grave erro, qual o de usarmos uma expressão technica de referencia a um phenomeno diverso daquelle que é proprio á sua significação.

Mas, já estou a vêr a objecção que a todos accorre: porque, então, dizemos lingua francêsa, lingua inglêsa, lingua portugûesa? Chegamos ahí ao amago da questão. Em rigor scientifico não poderiamos falar em lingua francêsa, lingua inglêsa, lingua portugûesa, quando cada uma dellas se subdivide em varias linguas, podendo mesmo cada individuo ter a sua lingua, pois, como diz Meillet, "o que chamamos francês não existe na linguagem falada de nenhum ser humano". E não podemos porque na propria terminologia linguistica existe uma expres-

---

(1) — Souza da Silveira — Lições de Português, pg. 241.

(2) — Whitney — La Vie du Langage, pg. 128.

são própria para designal-as, que é *lingua commun*. Em boa terminologia, portanto, não ha como confundir *lingua* com *lingua commun*. Aquelle é o phenomeno da linguagem surpreendido em toda a sua exactidão, com todas as suas pequenas nugas, as differençações mesmo de individuo a individuo. Esta representa a linguagem vista atravez do prisma mais largo do seu objecto, como "uma forma linguistica ideal que se impõe a todos os individuos dum mesmo grupo social". (1).

### CRITERIO DA FUNÇÃO SOCIAL

Na linguagem corrente, *commun*, porém, as duas expressões — *lingua* e *lingua commun* — se confundiram. Empregaram-n'a e empregam-n'a indistinctamente. Tanto se diz *lingua* do nordeste como *lingua* portugüesa. Mas em cada uma destas duas expressões o vocabulo *lingua* tem valôr differente. Na primeira refere-se á entidade linguistica, á variação dialectal duma região; na segunda a uma criação artificial do homem, á *lingua commun*. E' o caso de perguntarmos: — Que significação terá ao dizermos *lingua brasileira*? A resposta, mesmo aos menos avisados, já estará a saltar-lhes da bocca para proclamarem que não tiveram os autores do projecto, e nem o poderiam ter, outra intenção que a de se referirem á uma *lingua commun*, uma *lingua commun* a todo o paiz e que teria tal designação. Mas, se assim é, se os autores do projecto visaram uma vasta unidade linguistica ideal, já não nos será dado definir uma *lingua* pelo que ella é em si mesma, como o fazem os linguistas

---

(1) — J. Vendryes — *Le Langage*, pg. 285.

abstrahidos das linguas communs e apenas attentos ás differenciações. Teremos de passar a campo mais amplo, encarando-a pelo seu objectivo, pela sua função social. Não nos teremos de ater ás diversificações existentes na linguagem de individuo a individuo, de familia a familia, de região a região, e sim ao seu sentido social, pratico, como utilização pelo homem duma capacidade que lhe é propria. Nesta accepção, lingua não se confunde com dialecto, pois enquanto o dialecto é antes de tudo uma entidade linguistica, a lingua commum, ou simplesmente lingua, se affirma por circumstancias extranhas á linguagem. (1).

E a primeira consequencia dessa separação dos significados do mesmo vocabulo é que enquanto para definir o que é uma lingua, empregada a expressão no seu rigôr scientifico, ficamos sempre vacilantes entre o individuo e a humanidade inteira, desde que não tem limites a variedade em qualquer linguagem, pois, cada individuo recebe a lingua e modifica-a embora de modo infinitesimal, (2) o mesmo se não dará para fixarmos as fronteiras duma lingua commum. Bem diz Vendryes que "é estudando o papel social da linguagem que melhor se pode fixar a idéa do que seja uma lingua (3). Aqui, encarada a lingua pelo seu objecto, o problema é assás differente. Não interessarão, no fixar limites e fronteiras, as pequenas nugas, as variações dialectaes, os modismos, os regionalismos, que tudo são linguas em rigôr scientifico. Deter-nos-emos apenas

---

(1) — J. Vendryes — *Le Langage* — pgs. 305 e 307 e *Letts de Vasconcellos, Evolução da Linguagem*, pg. 79.

(2) — João Ribeiro, *Diccionario grammatical*, pg. 136.

(3) — J. Vendryes — *Le Langage*, pg. 281.

no fim da linguagem, que é a possibilidade da comunicação do pensamento entre os homens. Essa possibilidade é que dirá da unidade ou não duma lingua. Veremos rapidamente que o inglês e o allemão não são a mesma lingua por não existir essa possibilidade de comunicação entre os dois grupos, enquanto a linguagem do Brasil e de Portugal será a mesma por se entenderem os homens de um lado e outro do Atlantico. E' a lição de Whitney: "Como o objecto da linguagem é a comunicação do pensamento, a possibilidade dessa comunicação faz a unidade da lingua." (1).

#### **A OPINIAO DE JOÃO RIBEIRO E MEILLET**

João Ribeiro com a clareza de estylo que lhe deu um logar de honra entre os pensadores brasileiros tambem abunda nos mesmos conceltos: "A unidade da lingua consiste em que as pequenas differenciações individuaes e mesmo provinciaes não destroem o principal fim da linguagem: a possibilidade de comunicação do pensamento. Essa finalidade deixa de existir ás vezes e dahi é que começa a independencia do dialecto, propriamente dito, ou da lingua extranha". (2) Teremos, então, uma lingua não onde haja qualquer diversidade na linguagem, mesmo de individuo a individuo dum mesmo grupo social, e sim onde existe um conjuncto de meios linguisticos, que máo grado as differenças regionaes, os modismos, as variedades parciaes, possa desempenhar o seu papel social, a sua grande função humana, que é permittir a communicabilidade do

---

(1) — Whitney — Le V. du Langage — pg. 128.

(2) — J. Ribeiro — Diccionario grammatical, pg. 136.

pensamento entre os homens. Desde, porém, que cesse essa função, que homens de um grupo não se possam communicar com os de outro, teremos outra lingua. E' pela função que se caracteriza a unidade duma lingua, e uma lingua desempenha tanto melhor essa função quanto mais ella é falada, ou pelo menos comprehendida por um maior numero de homens numa área mais vasta. (1):

### COMO COLLOCAR A QUESTÃO

Ahi é que temos de situar a questão de "Lingua Brasileira". Sómente esse criterio nos poderia fornecer dados seguros e precisos, verdadeiros, para sabermos se já não é a mesma a linguagem do Brasil e de Portugal. Não será submettendo a linguagem a um rigôr scientifico a que não resistiria nenhuma das grandes linguas hoje existentes, pois se nos fossemos prender á cata de modismos ou regionalismos, como os que existem entre Brasil e Portugal, cada uma dellas se fragmentaria em varias linguas, que havemos de fazer obra sincera e patriótica. Não queiramos exaggerar uma unidade inexistente em qualquer parte do mundo. Examinemos, sim, se pelo seu objecto, pela sua função social, é ou não a mesma a linguagem dos dois povos. E uma observação, por mais severa, ha de demonstrar que ainda temos a mesma lingua commum, que se sobrepondo aos modismos e aos regionalismos de ambas as nações, dominando-os, dá novas forças á linguagem, permittindo que realize, efficientemente, o seu grande objectivo, a sua função primacial: a communi-

---

(1) — Mellet — *Les Langues dans l'Europe Nouvelle*, pg. 108.

cablidade entre os homens na maior extensão possível. Haverá quem o negue?

E' essa a primeira ferida aberta no peito dos que propugnam a denominação de "Lingua Brasileira". Mesmo que tivéssemos um dialecto, não seria o bastante para querermos, no momento, a existencia, no Brasil, duma nova lingua, pois, dil-o acertadamente João Ribeiro; somente quando deixa de existir a possibilidade de comunicação do pensamento é que começa a independencia do dialecto propriamente dito ou de lingua estranha. (1).

E' o caso de perguntarmos: terá deixado de existir essa possibilidade entre brasileiros e portugueses? Responda-nos cada um em pura e sã consciencia. Mas, responda-nos certo de que a unidade de qualquer lingua commum, como é a inglesa, a espanhola ou a allemã, não existe porque em todas as regiões, em todos os districtos, se fale exactamente do mesmo modo, com a mesma prosodia e o mesmo lexico, mas pela imperiosa necessidade que teve o homem de sobrepôr a essas variações dialectaes uma unidade linguistica ideal, que, abrangendo grandes massas humanas, realiza a função social da linguagem. E' dentro de tal criterio que dizemos lingua franceza ou lingua portuguesa. As grandes linguas, como existem hoje, não são entidades linguisticas e sim creações do homem, de sua intelligencia, de sua vontade e de sua necessidade de comunicabilidade com o maior numero possível de semelhantes. E' isso que muitos, no Brasil, não querem comprehender e preferem quebrar a unidade da lingua que falamos, enfraquecendo-a, empobrecendo-a, diminuindo-lhe o poder de comunica-

---

(1) — João Ribeiro — Dictionario grammatical, pg. 186.

bilidade, mutilando-a em nome desse patriotismo a que não nego sinceridade, mas a que falta utilidade.

Eis ahí o que é uma lingua no sentido em que empregamos correntemente o vocabulo, como o fizeram os autores do projecto, confundindo-o com o que a terminologia linguistica chama lingua commun. E, nesse sentido, por mais que se aforcurem os defensores do projecto em demonstrar o contrario do que mostram os factos, não ha como negar que ainda é a mesma a lingua do Brasil e de Portugal.





## CAPITULO II

*A evolução da linguagem — Tendência unificadora e  
tendência diferenciadora — A lucta do individuo  
com a sociedade — Sua consequencia: as linguas  
communs — A posição do Estado.*

Aos mais exaltados, áquelles a quem a razão ainda não acudiu para os levar ao raciocinio, estamos certos que bastará o acompanharem o processo por que evolue a linguagem para de logo se renderem, convertidos ao bem e arrependidos do peccado.

E' bem simples o modo por que se processa essa evolução, sempre consequencia de duas forças oppostas a se degladiarem na disputa da primazia. São "as duas tendencias, de que nos fala Meillet, tendencia a unificar e tendencia a differenciar, ambas igualmente fortes, uma e outra a vencer segundo as circumstancias e, frequentemente, trabalhando ao mesmo tempo." (1) Esta ultima é a tendencia que

---

(1) — Meillet — Les langues dans l'Europe Nouvelle, pg. 101.

a linguagem como que traz em seu bojo, como uma insatisfação permanente, que a leva a modificar-se aqui e ali, mas de modo diverso, e a fragmentar-se. E' o que Dauzat traduz nessa phrase: "entregue a si mesma uma lingua tende a se deteriorar e decompôr, a confundir-se sob a acção deleteria das leis phoneticas, das collisões homonimicas, da analogia: é-lhe necessario um tutor, um guia, uma lingua litteraria sobre a qual se apoie e á qual pede sem cessar recursos e meios therapeuticos para cicatrizar as feridas que a affligem". (1).

E' o individuo, somos todos nós, mas isoladamente, a cumprirmos o que observou Breal: "trabalhamos todos mais ou menos no vocabulario do futuro, ignorantes ou sabios, escriptores ou artistas, gente de escól ou homens do povo". (2) Somos todos nós a realizarmos pela contracção, a mutilação das palavras de que nos servimos, a trajetoria de Ampère: "As linguas em geral começam por ser uma musica e terminam sendo uma algebra". (3)

Do lado opposto, contrariando essa tendennecessidade imperiosa, e para que a linguagem não perca a sua finalidade, disciplinando-a, coordenando-a, creando vastas unidades linguisticas ideaes, a que chama lingua commum ou simplesmente lingua. Com isso não impede a evolução e nem atrophia a linguagem numa immobilidade que seria perniciosa, mas, como pergunta Dauzat: "Se somos impotentes para deter, poderemos, ao menos em certa medida, retardar a evolução da linguagem. A his-

---

(1) — A. Dauzat — *La langue française*, pg. 17.

(2) — Breal — *Semantique*, pg. 296.

(3) — J. J. Ampère — *Hist. de la formation de la langue française*, pag. 8.

toria das linguas modernas responde pela affirmativa."

E' o que realmente realiza a sociedade nesse seu afan de deter a linguagem em typos mais ou menos fixos, evitando a fragmentação, a divisão, a differenciação, não em nome duma pureza, como diz Bréal, mas pela necessidade que temos de communicabilidade, não só entre os contemporaneos, mas tambem com os que nos precederam. Mesmo porque, dil-o Vendryes: "Se a sociedade não reagisse contra a deslocação linguística, o mundo apresentaria a imagem duma divisão de modos de falar que se differenciariam cada vez mais." (1) E' o que Meillet caracteriza dizendo que "quando a lingua common se estende sobre uma vasta região ou se produz na população vaes e vens continuos ou as classes sociaes se intercalam e se misturam, é fatal que ella está exposta a rudes attentados e ameaçada de se transformar. Se ella cede aos golpes e se transforma é o fim, o proximo desmoronamento, pois nenhum poder a poderia fazer se transformar do mesmo modo em toda a parte em que é falada; é a deslocação de que a historia nos offerece multiplos exemplos".

Será que no Brasil, cedendo á fragmentação, não iriamos ter essa deslocação perigosa?

Veja-se a evolução de qualquer lingua e se ha de encontrar sempre o mesmo conflicto entre as duas tendencias, a do individuo, que levado pela lei do menor esforço, da transição e da analogia, tende sempre á differenciação, e a da sociedade reagindo contra essa diversificação, a sociedade como que a se defender e luctando por que a linguagem, em-

---

(1) — Vendryes — *Le Langage*, pg. 306.

bora sem se deter, não se dissocie, enfraquecendo-se e dividindo a propria sociedade que a fala.

### O LATIM

Disso o latim é um exemplo bem vivo e flagrante. Língua de conquistadores, o latim, o latim vulgar, como que dominou quasi todo o occidente, levado pelas armas de Roma. Pela sua propria extensão tendia a fragmentar-se, mas, tal só aconteceu com a queda do Imperio, quando a propria sociedade se fragmentou, isolando-se em grupos restrictos. Nesse momento foi que o latim se multipartiu em varias linguagens. Cada districto, cada feudo, chegou a ter a sua lingua propria. Desde, porém, que a sociedade novamente se unificou com as monarchias, a reacção não se fez esperar. E a linguagem entrou no seu novo cyclo, o cyclo da unificação, amalgamando os varios dialectos em grandes linguas communs, máo grado as differenciações que se observam de região a região. Surge então a lingua francêsa, a lingua inglêsa, a lingua espanhola, a lingua portugêsa, todas ellas expressões da victoria da sociedade unificadora sobre o individuo diferenciador, embora em cada uma dellas possamos notar grandes diversificações internas. Taes diversificações, porém, não impedem a lingua commun.

### A FRANÇA E O BRASIL

“Imaginemos, diz Meillet, uma dezena de aldêas disseminadas sobre algumas leguas quadradas dum departamento francês. Os habitantes de todas essas aldêas falam a mesma lingua, no sentido que os seus modos de falar são um aspecto particular do

francês e resulta, historicamente, do desenvolvimen-  
to autonomo da mesma lingua sobre um dominio  
commum. Ha, porém, de uma aldêa a outra nota-  
veis differenças. Do modo de falar de cada uma po-  
deriamos dar, sob o ponto de vista da phonetica,  
da grammatica e do vocabulario, uma descripção dif-  
ferente". (1)

E que vemos em tudo isso, nessa lucta das duas  
forças que luctam por empolgar a linguagem, senão  
o mesmo phenomeno, o mesmo facto que podemos  
observar na lingua portugúesa, a lingua commum a  
Brasil e Portugal? Como nas demais linguas ou lin-  
guas communs, a portugúesa tambem tem dentro de  
si mesma as suas particularidades regionaes, os seus  
modismos, os seus regionalismos e mesmo os seus  
dialectos, sobre os quaes ella se alça como unidade  
linguistica ideal, afirmando a sociedade sobre o in-  
dividuo ou sobre os grupos mais ou menos extensos.  
No caso particular não temos mais do que o exis-  
tente geralmente — as duas tendencias a actuarem  
em sentidos oppostos dentro da mesma lingua.

Mas, no debate, que posição deverá tomar o Es-  
tado? Para os autores do projecto, esquecidos de que  
"as grandes forças collectivas agem no sentido da  
unidade da lingua", (2) o poder politico deverá in-  
tervir para dissociar e fragmentar. Abandonaremos  
a lingua commum que nos dá a unidade da lingua-  
gem, para que o poder politico se transforme não no  
coordenador e disciplinador, mas num scientis-  
ta rigoroso, que anote todas as differenciações,  
mesmo de individuo a individuo, dando a cada uma

---

(1) — J. Vendryes — *Le Langage*, — pag. 289.

(2) — Mellet — *Les langues dans l'Europe nouvelle*,  
pag. 103.

dellas o nome de lingua... Mais adiante veremos que esse não é o dever do Estado. A sua função é manter as linguas communs, apoiando a sociedade de que é o reflexo na sua lucta com o individuo.

### AS LINGUAS COMMUNS

Poder-se-ia mesmo dizer que as linguas communs, ou simplesmente linguas, como as chamamos correntemente, as grandes linguas da civilização, constituem a maior victoria da sociedade no campo da linguagem. Representam a integração dessa capacidade humana nos processos de progresso utilizados pelo homem para estender a sua faculdade de ser gregarlo, que a mais e mais crêa novas exigencias e novos habitos de communicabilidade, exigencias e habitos sempre crescentes com o desenvolvimento dos transportes e o intercambio ininterrupto entre as varias populações da Terra. Foi premido por essa necessidade imperiosa de comunicação que o homem teve de procurar solução para o problema da linguagem, que, entregue ás suas proprias leis, tendia a uma fragmentação cada vez maior. Encontrou-a dentro dessa unidade ideal, que, embora jámais realizada, attenuou de tal modo as differenciações, retardou-as a tal ponto, que já não impedem que dentro de consideraveis extensões territoriaes os homens se entendam. Foi essa necessidade que creou as linguas communs. Tanto assim que Meillet, ao estudar as causas originarias dessa disciplinização das linguas, poude assegurar: "o poder duma organização politica e o valor duma civilização podem ser as causas proximas; mas a causa profunda que determina o phenomeno é a utilidade singular que apresenta uma lingua falada sobre um

vasto domínio. Mais vasto é esse domínio, mais importante são as relações mantidas pelos homens que o habitam e mais se faz sentir a necessidade duma lingua *commum*". (1)

E tanto essa necessidade é mais imperiosa, quanto maior é o progresso da civilização, que "tem por effeito obrigar as pessoas que falam linguas puramente locais a conhecerem ao mesmo tempo uma lingua de uso mais geral". (2).

### A SUPERIORIDADE DA AMERICA

Na Europa actual e até mesmo na Grecia antiga, a consecução desse ideal durou seculos. Em muitos casos foi mesmo necessaria a intervenção do poder politico. Nós, na America, por chegarmos mais tarde á civilização, não tivemos essas difficuldades. A propria colonização incumbiu-se de impôr a mesma lingua sobre enormes regiões, e até agora, em nenhum paiz houve quem se lembrasse de ir contra essa boa fortuna que nos deu o destino. Era no Brasil que se haveria de atirar a primeira pedra. Será um bem? Parece-nos que não. Ouçamos o depoimento de Meillet, que por ser francês ha de ser insuspeito, em duas de suas notaveis obras. Diz elle na "Linguistique generale": "Nas grandes linguas communs de civilização a resistencia á inovação é forte porque a inovação se deve estender a um grande numero de pessoas espalhadas por uma vasta área geographica. E é um grande bem. E' de desejar que o inglês não se venha a differenciar muito

---

(1) — Meillet — *Linguistique generale*, pg. 115.

(2) — Meillet — *Les langues dans l'Europe nouvelle*, pg. 103.



na America e na Australia, e que as divergencias já sensíveis pela independencia politica, a differença de situação e as origens variadas de sujeitos que falam introduziram entre o castelhano e a lingua do Chile e da Argentina não se accentue de modo a produzir novos idiomas. E' o papel da escola e da litteratura de manter as unidades linguisticas uma vez creadas". (1).

Passados muitos annos, num trabalho recente, Meillet não se arrependêra do que affirmára e depõe novamente: "A America offerece modelos da tendencia de unificação linguistica nos Estados Unidos, na Argentina, onde numerosos emigrantes se adaptam á lingua principal do paiz. E' uma superioridade entre muitas que tem a America, recentemente colonizada, sobre a velha Europa onde subsistem em massa os destroços de nações diversas. Na Europa a multiplicação crescente de linguas de civilização causa um mal que augmenta sem cessar." (2)

Será que falte ao eminente linguista autoridade e criterio para condemnar o que deseja o projecto? E' de crêr que elle esteja mais certo do que os jacobinos partidarios da segmentação da lingua falada no Brasil e Portugal e de que o tempo se ha de incumbir. Nem se diga que entre o modo de falar do Brasil e Portugal ha maiores divergencias do que entre o de Espanha e as republicas hispano-americanas ou entre o da Grã Bretanha e o da America do Norte. Destes dois ultimos temos o testemunho de Dauzat: "Máo grado a unidade linguistica mantida até certo ponto por uma commuidade de lingua lit-

---

(1) — Meillet — *Linguistique generale*, pg. 120.

(2) — Meillet — *Les langues dans l'Europe nouvelle*, pg. 245.

teraria, é certo que o inglês falado nos Estados Unidos difere sensivelmente, sobretudo pela pronuncia e mesmo pelo vocabulario do inglês falado na Inglaterra. O phenomeno é ainda mais nitido no espanhol, e a Independencia das republicas sul-americanas foi o preludio de constituição de dialectos locais, hoje muito divergentes." (1) E' como se falasse de Brasil e Portugal. Whitney tambem não difere ao tratar dos "modos de falar que os ingleses estigmatizam com o nome de americanismos, os quaes não são mais do que bom e velho inglês, e muitos de particularidades de pronuncia conservada na Irlanda, que vêm da mesma fonte." (2)

E quem não saberá que muito da nossa pronuncia, hoje divergente da de Portugal, não é tambem mais do que boa e velha pronuncia do português dos seculos XV e XVI? Ninguem, no entanto, se lembrará, pelo menos com bom exito, de falar em lingua americana ou lingua argentina. Será que falte a esse povo o patriotismo estuante dos defensores do projecto?

Allega-se, porém, que o poder político, que a nação brasileira, pela sua soberania pôde decretar a "Lingua Brasileira". Não negamos que o possa fazer. Negamos, sim, que o deva fazer. E entre o poder e o dever vaé uma distancia, que, talvez curta e insignificante para alguns, é immensa para nós. Essa distancia é determinada pelo bom senso e a conveniencia, a que se não deve oppôr o poder político, esmagando a nossa lingua commum. E' pena que não nos baste o exemplo de outros povos, quando ás vezes peccamos pelo excesso de mimetismo. Porque abrir-

---

(1) — Deuzat — La Philosophie du Langage, pg. 120.

(2) — Whitney — La Vie du Langage — pg. 129.

mos mão dessa superioridade proclamada por Meillet?

### O ELEMENTO POLITICO

Não seria esta, aliás, se assim deliberasse a Camara dos Deputados, a primeira vez que o poder politico se resolveria a intervir na vida da linguagem. Nunca, porém, o terá feito no sentido de diversificar, de segmentar a linguagem, senão premido por graves exigencias da sua propria unidade politica. Se muitas vezes a linguagem chegou a fraccionamentos numerosos e perniciosos isso se deu sobretudo pela falta do poder coordenador que imprime á lingua um cunho de unidade. Um exemplo flagrante é o latim, de que Dauzat nos fez em côres fortes esse painel bem vivo: "Quando uma civilização se esphacela, a lingua que era seu instrumento se dissocia, segmenta-se, submettida a novas influencias, prestes, nos seus destroços, a novos reagrupamentos". Um dos ramos do italico, o latim, pelo facto da fortuna extraordinaria de Roma, adquiriu uma prodigiosa extensão no curso dos dois seculos que precederam a era christã e nos quatro que a seguiram. A unidade do latim não sobreviveu á ruina do imperio romano: do seu esphacelamento, que produziu a infinita variedade de falares romanos se destacaram cerca de dez seculos mais tarde, em torno de novos nucleos politicos e sociaes, varias grandes linguas de civilização: o italiano, o francês, o espanhol, o português, e mais tarde o rumaco". (1)

Bem se vê que não foi o factor politico e sim a falta desse poder que produziu a divisão da lingua latina. Mas o proprio latim, longe de vir em linha

(1) — Dauzat — La philosophie du langage, pg. 8.

recta do italico foi essencialmente a lingua de Roma, o sermo urbanus, que venceu os dialectos vizinhos — o sabino, o marsio, o etrusco, o celtico e o grego, (1) pela preponderancia do poder politico de Roma.

### HUGO CAPETO

Na França o phenomeno linguistico ainda é mais incisivo. Littré, é, talvez, o mais autorizado para nos dar a descripção do modo por que se processou o dominio da lingua franceza. Eis o que nos diz o eminente linguista: "Tal era a situação do francez no XII e XIII seculo: divisão entre dialectos iguaes por nascimento e iguaes em direito, e litteratura rica em obras diversas, sobretudo em obras de imaginação e poesia, satisfazendo o gosto não só da França como do Occidente inteiro. Era apenas uma phase passageira. Não falarei aqui da razão extrinseca que, dando a preponderancia da realza sobre a feudalidade, ao elemento geral sobre o local, esmagou os dialectos." E mais explicitamente ainda: "De todos esses dialectos ou se quizermos de todós esses patois qual o que teria a fortuna de se tornar a lingua das letras, e por conseguinte a lingua commum do paiz? Isso dependia evidentemente do factor politico. Foi a usurpação de Hugo Capeto que decidiu: ella fixou a cabeça do systema feudal em Paris". (2) Que se vê ahi senão o factor politico intervindo no sentido da unificação da lingua, da sua disciplinação a uma norma commum?

---

(1) — Vendyres — Le Langage, pg. 308.

(2) — E. Littré, idem — 101 — 2º volume.

### A LINGUA DE DANTE

Na Italia não differe em muito o panorama. Se a lingua *commum* não é a linguagem da capital é a de Toscana, a linguagem que trazia o "prestigio e a influencjá de escriptores como Dante, Petrarca e Boccacio," (1) e que teve o apolo do poder político para dominar os demais dialectos falados no paiz. E' que jamais o Estado intervem na linguagem senão para ampliar-lhe as possibilidades sociaes que encerra como elemento de communicacão.

### A PERSISTENCIA DO EXEMPLO

Será por acaso differente o phenomeno na Allemanha, em Portugal, na Inglaterra ou na Espanha? Tambem não. Da lingua allemã, lingua sobretudo escripta, escreve Vendryes "que deveu o seu bom exito a causas religiosas e sua origem ás necessidades da colonizacão". "Passo a passo, com effeito, o allemão se implantava sobre o dominio slavo e se substituiu ás linguas slavas. Foi nas cidades de colonizacão allemã que se constituiu o allemão *commum*, que devia tomar com a Reforma a sua importancia litteraria, fixar graças á descoberta da imprensa e tornar-se a lingua escripta de toda a Allemanha culta". Meillet chegou a affirmar de referencia ao allemão, "que a lingua *commum* sahium grande movimento de colonizacão que permitiu aos allemães conquistar progressivamente toda a Allemanha oriental e que é o factu fundamental da historia allemã." (2)

---

(1) — Vendryes, *ib.*, pg. 308.

(2) — Meillet — *Linguistique generale*, pg. 122.

Teria o Estado se intromettido para dividir?

Do inglês, também surgido, como o francês, da predominância da língua da sua capital, embora com a convergência de outros dialectos, a civilização ainda fez mais, levando-o com as descobertas e conquistas a ser a maior língua do occidente.

Não se contentou em unificar a linguagem da Ilha: manteve essa unidade além do Atlantico, onde, apesar das diferenças que se notam entre o falar da metropole e os da antiga colonia, nada obstuou que a lingua continuasse e continue a ser a mesma, como se dá entre Brasil e Portugal. Whitney melhor do que nós discorrerá sobre as causas dessa unidade: — “Foi a civilização, diz o illustre estudioso da linguagem, que por uma dupla acção manteve a paridade de linguagem entre as duas grandes nações falando inglês separadas por um vasto oceano; primeiro tornando a communicação entre ellas mais facéis que entre duas tribus selvagens, que estão proximas; em seguida dando-lhes uma litteratura, quer dizer um grande corpo de escriptores que falam simultaneamente para os dois povos e pelos dois povos; e por fim, attenuando de tal modo o progresso da mudança linguistica que os seus resultados podem attingir e penetrar as populações dos dois lados do oceano com o auxilio dum tempo curto”. (1) Mas quem não saberá que Webster organizou o dictionario americano da lingua inglesa e que divergem os modos de falar dos dois povos? E que lá também existem os mesmos factos que diversificam a lingua commum ao Brasil e Portugal, sem que isso, no entanto, leve alguém a pensar em instituir pela autoridade do Estado a lingua americana.

(1) — Whitney — *La Vie du langage*. pg. 136.

No seculo XIII, sob Affonso X (1252-1284), é a Espanha que dá o exemplo da unificação dos dialectos catalão, gallego e o grande grupo do centro, com o dominio da linguagem de Castella. Na mesma época o mesmo se dá, em relação a Portugal, com o dialecto de Lisboa, que mais tarde, manejado pelo genio de Camões, se imporia definitivamente. A documentação parece-nos já ser farta e sufficiente. Vimos todas as grandes linguas do occidente, vimos como sobre ellas influíu o elemento politico, e em nenhum caso teremos visto o Estado intervir, nem imiscuir-se nas questões da linguagem senão para disciplinal-a numa norma commum, que amplia o seu raio de acção, o seu poder, a sua finalidade civilizadora e social, estende-a a grandes áreas territoriaes e a grandes massas humanas, que, assim, se libertam do castigo da Babel, comprehendendo-se, entendendo-se, atravez de uma lingua commum e benefica.

#### **A EXCEPÇÃO UNICA: O BRASIL**

Por que haveríamos, no Brasil, de contrariar toda essa lição da historia? Em nome de que conveniencias, de que utilidade, inverteríamos, no Brasil, a função constante do poder politico em assumptos dessa natureza, transformando-o num agente da desagregação da lingua, do seu fraccionamento e, digamol-o sem receio, do seu enfraquecimento? Com que direito nos lançaríamos contra a lingua commum ao Brasil e Portugal, de que não temos por que nos envergonhar, condemnando-a a uma deslocação de consequencias imprevisiveis na extensão, mas que são bem nitidas nos seus maleficios? São perguntas a responder. Mas a responder com vagar e meditação, afim de que não nos atiremos a uma aventu-

ra na illusão de que praticamos um acto de patriotismo. De qualquer modo, porém, não o façamos sem primeiro investigar como evoluiu nos tropicos a lingua de Camões, e qual o seu estado actual, disseminada num vasto territorio como é o nosso. Realizemos obra de intelligencia antes de agirmos pelo coração. O coração mais facilmente se engana. E aquillo que pensamos ser amôr é mal querer. O que nos parece bem, é erro de que nos teriamos de arrepender, embora tardiamente.

Não. Em nome da nossa propria civilização, da nossa cultura, do nosso interesse, não haveremos de bipartir a grande lingua commum. Seguiremos o caminho que nos aponta a propria evolução da lingua e a constante attitude do poder politico na historia das linguas do occidente, attitude que sómente supremas razões politicas podem modificar. E essas não existem, no Brasil. Longe disso, como veremos do capitulo seguinte, bem poderiamos repetir a phrase cordial e sabia — tudo nos une, nada nos separa.





## CAPITULO III

*A lingua portugêsa no Brasil — Dialectologia brasileira — Dialectos brasileiros — A lingua do Brasil: o lexico, a prosodia, a syntaxe. — Que é a lingua brasileira ?*

*«A lingua nacional tem re e as finais... Deve ser utilizada sem os plebeísmos que lhe afeciam a formação. Brasileirismo não é corruptela nem solecismo... A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir...»*

(JOSÉ AMÉRICO, A Bagaceira).

*«O Brazil — e com que nauseas o escrevo! — foi colonia de Portugal e desgraçadamente falla a lingua da antiga metropole.»*

(ANTONIO TORRES, Razões da Inconfidência, pag. 51).

Velha, bem velha, é a questão do dialecto brasileiro, que o projecto, sob certo aspecto, renova, lançando bem mais longe as pretensões dos que têm

formado ao lado dos philologos portuguezes nessa questão. A antiguidade, porém, longe de socorrer aos seus adeptos, bem mostra o máo exito que sempre os acompanhou. Não é, aliás, de admirar que ainda se insista nessa tecla, revivescencia extemporanea do jacobinismo, que em 1822, pela lucta da independencia, não conseguulu ir além da onomastica.

Hoje, passadas essas razões politicas relevantes, bem poderemos, com melhor cuidado e reflexão, examinar o assumpto, pesquisando e observando se temos realmente uma lingua que não seja a portugêsa, e se os nossos modismos, o nosso dialecto, se quizerem a expressão, pelas suas differenciações coma lingua de Portugal já não pode viver e progredir dentro da mesma unidade linguistica ideal sem grave damno para o nosso pensamento.

Por certo que não poderia a lingua portugêsa, quer em Portugal quer no Brasil, fugir ás regras geraes da linguistica, deixando de se transformar atravez o tempo e as regiões, como é o caso do Brasil. De sua evolução em Portugal, diz-nos Souza da Silveira que "a lingua portugêsa não se tem conservado invariavel durante a sua existencia já de varios seculos. Para facilidade de estudo, consideraremos nella, seguindo o eminente philologo lusitano Dr. José Leite de Vasconcellos, dois grandes periodos: o portugêz archaico, desde as origens até o seculo XVI (1ª metade) e o portugêz moderno, do seculo XVI aos nossos dias. Examinando-se a lingua nessas duas phases, notam-se differenças importantes na phonetica, na morphologia, na syntaxe e no lexico." (1)

---

(1) — Souza da Silveira — Lições de Português, 2ª edição, pag. 19.

Em terras brasileiras, respirando novos ares, transplantada para um novo campo, em contacto com duas outras linguas — a principio apenas o tupy e mais tarde o africano — não poderia deixar de soffrer alterações sensíveis e desconhecidas da linguagem da metropole, sujeita ás circumstancias accessorias, que, ensina Whitney, (1), ao se misturarem duas sociedades, decidem qual das duas dará principalmente ou completamente a sua lingua á outra. Aqui, se por fim o elemento principal, predominante, foi o português, as circumstancias accessorias, dada a nossa propria extensão, não influíram uniformemente em todo o paiz de modo a que a transformação se processasse isochronamente de norte a sul. Datam dahi os nossos modismos, os nossos regionalismos.

### A LINGUA PORTUGUESA DO BRASIL

Pode-se mesmo dizer que na sua primeira phase de acclimação em terras da America o português esteve ameaçado de sossobrar, vencido pela lingua geral, que, para mais facilmente se impôr, contava com a extraordinaria maioria da população indigena; a acção dos jesuitas, que cediam á lingua nativa para melhor vencerem na catechese; e a ignorancia dos colonos, sempre promptos a assimilarem a linguagem da terra para se entenderem com o genio e formando verdadeiras linguas mixtas de que Von Martius deixou o seguinte testemunho: "Um exemplo mui saliente deste phenomeno offerecem as

---

(1) — Whitney — *La Vie du Langage*, pg. 185.

hordas da nação sobre as margens do Rio Tocantins, as quaes, ha alguns decennios, entrando em trafico com os brancos, já não usam um só puro dos dialectos da sua propria linguagem, antes sim falam uma geringonça corrompida, profundamente misturada de elementos diversos e sem regra alguma." (1)

Sómente mais tarde é que se deu a reacção. Era a linguagem do Brasil, após uma phase em que as necessidades e as attribuições da conquista a haviam desviado de muito da linguagem de Portugal, a ser acoçada por novas necessidades de communição com a metropole e a regredir para o nucleo de que se desviára. Virgilio de Lemos assim descreveu os dois periodos: "A dialectação do português no Brasil apresenta-nos duas phases distinctas e inconfundiveis: na 1ª a lingua trazida da metropole para a jovem colonia pelos seus organizadores e povoadores, degenerou de suas formas naturaes e legitimas, barbarizando-se na bocca das gentes incultas que os lusitanos associaram á sua grande empreza de exploração economica; na segunda, a linguagem falada da colonia, já então bastante modificada em seu typo primitivo e originario, pelas alterações e mudanças nella operadas na phase anterior, entrou a disciplinar-se e a pollir-se, procurando approximar-se dos velhos e bons padrões metropolitanos." (2)

A approximação perfeita, era, porém impossi-

---

(1) — Von Martius — Glossaria, X.

(2) — Virgilio de Lemos — A lingua portugüesa no Brasil, pag. 49.

vel. Entre uma phase e outra, mediára o bastante para que o português, batido pelo tupy e o africano trazido pelas grandes massas de escravos, tomasse tonalidades varias no territorio brasileiro, ao mesmo tempo que em Portugal a lingua soffria transformações, que, em bôa parte, não mais alcançaram o modo de falar brasileiro. Eram de um lado as transformações que, mesmo em Portugal, soffrêra a linguagem e do outro as alterações verificadas em cada região da nova colonia. Numa costa da extensão da nossa, numa época de communicações difficéis e demoradas, não se poderia querer que a evolução da linguagem se processasse dum modo uniforme, maximé quando o elemento colonizador não era o mesmo em todo o territorio. "Esse phenomeno, diz-nos Humberto de Campos, é aliás explicavel. O Brasil é constituído de seis ou oito centros de população isolados uns dos outros e que se caracterizaram desde o seculo XVII". (1) Rodolpho Garcia, sem que isso prejudique a conclusão, assignalou apenas cinco zonas distinctas: I — Norte — Amazonas, Pará, Maranhão; II — Norte oriental: Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagôas e Pernambuco; III — Central Maritima — Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro; IV — Meridional — São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; V — Altiplana central: Minas, Goyaz, Matto Grosso. (2) E a cada uma dessas correspondem modos de falar onde se assignalam differenciações estranhas ás demais. Qual de nós não distinguirá, apenas pelo modo de falar, um gaúcho dum cearense

---

(1) — Humberto de Campos — Critica I, pagina 89.

(2) — R. Garcia, Dicionario de brasileirismos, Introducção.

e um carloca dum bahiano? E' isso, em grande parte, a consequencia da maneira por que evoluiu o portuguez no Brasil, originando differenciações parciaes aqui e ali, ora ao norte e ora ao sul, e cuja consequencia é se poder affirmar que, se entre o falar actual de Portugal e do Brasil, ha, irretorquivelmente divergencias mais ou menos sensiveis, essas não são uniformes em todo o Brasil. Por isso, para a melhor systematização do problema o primeiro passo será, por certo, o estudo da dialectologia brasileira.

### DIALECTOLOGIA BRASILEIRA

Tem sido vario e extenso o conceito dado ao vocabulo dialecto pelos glotologos e philologos. Não importa. Em qualquer delles se encontrará sempre a idéa de unidade da linguagem, num circulo maior ou menor da sociedade humana. O que se não encontrará é tal expressão empregada para designar um conjuncto de modos de falar differenciados entre si por caracteristicos fixos, mesmo que esses modos de falar sejam partes duma língua commum, que a elles se sobrepõe. Poder-se-á, sim, designar cada um desses modos particulares da linguagem pela expressão dialecto, nunca o seu conjuncto. E, tomada a palavra nesse sentido, creio não poderemos falar em **dialecto brasileiro**. Teremos, sim, e isso ninguem o nega, **dialectos brasileiros**. Ha, aliás, quem julgue que temos um dialecto brasileiro, que por sua vez se subdividiu em **sub-dialectos**. E' um engano. Para isso seria mistér houvesse existido, antes do apparecimento das nossas maneiras regionaes de falar, uma linguagem commum a todo o paiz e differente da de Portugal (aquella seria o dialecto brasileiro) e que mais tarde, por circumstan-

cias varias, se houvesse differença do de região a região. A verdade, porém, é outra. Foi a propria linguagem de Portugal, que trazida directamente de Lisboa para os nucleos da colonização, ahí se transformou e evoluiu diversamente ao contacto de factores differentes. Não existe, no Brasil, um typo de linguagem commum, que servisse de typo intermediario entre o falar da metropole e o de cada uma das capitánias em que se dividiu outróra a costa nacional. Não. O nosso phenomeno linguistico não é este. Cada um dos nossos regionalismos prende-se directamente á metropole. E nem poderia ser de outro modo se attendermos á propria historia da formação nacional em que vemos esparsos pelo territorio brasileiro nucleos de colonização que mais facilmente se communicaram, pela administração, pelo commercio e pela cultura, directamente com o Reino de que entre si. Bastaria isso para se não poder crêr que a evolução da linguagem verificada em Maranhão, por exemplo, tivesse relação com a evolução havida na Bahia ou no Rio Grande do Sul. Ao envez disso o que se deu foi a transformação autonoma dentro da mesologia glottica de cada região, ou a se fazer sentir mais fortemente a influencia do tupy, como em S. Paulo, ou a se accentuar a acção africana, como na Bahia e em Minas, ou a se manifestar a vizinhança do hespanhol, como nas fronteiras do sul. Foi isso, combinado com a condição social dos colonizadores, aqui predominando o elemento mais culto, ali apenas constituido de homens do povo, e, tambem, o clima, o modo de commercio, etc, que decidiu do modo de falar de cada região brasileira, modismos que ainda subsistem até hoje mais ou menos attenuados. E se porventura notamos diversificações identicas no norte e no sul, isso, a principio, se não



deu por uma infiltração reciproca das populações de cada região e sim pela actuação de mesologias glotnicas equivalentes. Assim, por exemplo, a suppressão de uma ou mais letras no final das palavras, tão usual entre os brasileiros, principalmente os caboclos e os caipiras, é, dil-o Baptista Caetano, um cacete herdado dos indios e desconhecido aos portugueses. Poderia parecer, sendo o phenomeno geral a todo o palz, que em todo elle se fez sentir a influencia do tupy. No entanto, si se iôr com mais cuidado ao assumpto, de logo se observará, como ensina Silvio Romero, (1) que o cacote é o mesmo entre os africanos e dahi o seu apparecimento tanto nas zonas de predominancia tupy, como nas regiões de eleição dos africanos. Foi assim, em nucleos autonomos, que se processou a evolução da linguagem trazida pelos colonizadores. Não houve relação entre as transformações processadas nos diversos nucleos da colonia.

Mais tarde, porém, fortalecendo-se a nossa unidade, primeiro com o governo geral e depois com o Vice-Reino, melhoradas as vias de comunicação interna do Brasil, aproximados os homens dos varios centros de população do palz, todos a terem um ponto de convergencia commum, primeiro a Bahia e depois o Rio de Janeiro, que por sua vez estavam intimamente ligados a Lisboa, era natural que a linguagem de cada região, já, então, mais em contacto com esse ponto de convergencia commum, tomasse um novo rumo para evoluir num sentido mais ou menos equivalente em todo o territorio nacional, influenciando-se reciprocamente cada um dos dialectos esparsos pelas varias regiões da colonia. Mão

---

(1) — S. Romero. — Estudos de Poesia Popular, pg. 318.

grado, porém, esse entrelaçamento da linguagem, ainda permaneceram bem accentuadas as características de cada zona. Os centros culturaes entravam na segunda phase de que nos fala Virgilio de Lemos. Aproximavam-se da metropole e irradiavam por todo o paiz a sua tendencia unificadora, embora sem poderem vencer totalmente muitas das differenciações já arraigadas no lexico, na syntaxe e na prosodia.

Autorizariam essas differenciações a pretensão duma lingua diversa da portugueza? Parece-nos que não. Isso por que, como ensina João Ribeiro, "em toda a parte as provincias e os dominios de qualquer lingua caracterizaram-se por modos especiaes divergentes que não destróem a unidade da lingua fundamental." (1) Essa unidade, porém, não existiu e nem existe ainda em torno a um dialecto brasileiro que houvesse dominado os demais, como se verificou na França, na Inglaterra, na Italia ou na Espanha. Essa unidade existe em torno á lingua portugueza, á qual directamente se filiam os regionalismos brasileiros. Futuramente, em tempo que não é possível prevêr, talvez venhamos a ter, no Brasil, o mesmo phenomeno observado nos paizes occidentaes acima mencionados. Agora ainda é cedo. Antes, porém, de estudarmos o que os autores do projecto denominam lingua brasileira, detenhamonos um pouco no exame dos nossos dialectos para assignalarmos com mais precisão algumas das características proprias a cada região.

---

(1) — J. Ribeiro — Dictionario Grammatical, pg. 74.

**DIALECTOS BRASILEIROS**

A questão dos dialectos brasileiros não é, por certo, materia facil de versar, sobretudo a quem prefira a observação alheia á propria. Assumpto ainda pouco cuidado pelos que no Brasil e em Portugal se dedicaram aos estudos da philologia, ha de offerecer tropeços e margem a controversias. Quasi sempre os estudiosos preferiram servir ás letras organizando glossarios de termos proprios ao Brasil e ás suas regiões. Precedeu a todos, com a sua "Collecção de vocabulos e Phrases usadas na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul", Antonio Alves Pereira Coruja, em 1852. Seguiu-se o "Vocabulario Brasileiro" de Braz da Costa, em 1853. Outros vieram depois, sendo de destacar os trabalhos de Rodolpho Garcia, Beaurepaire Roham, Macedo Soares e Teschauer.

Em qualquer delles, porém, se observará de logo que, longe de predominarem termos pan-brasileiros, a grande massa de vocabulos traz á ilharga o sinete da região em que é usado. Não ha como dizer que o lexico brasileiro do gaúcho seja igual ao do nordestino. Qual o vaqueiro da Bahia que saberia o que é um pingo aporreado? E aperos? E um cavallo lombeado? como se diz no Paraná. Nenhum. Por sua vez o gaúcho não entenderia quem lhe falasse nos couros, nos terem, na bicuda, no logradouro, etc. Naturalmente não seria possível, no ambito desse voto, assignalar as particularidades existentes no lexico de cada região brasileira. E' cousa, porém, que ninguem ignora e de que a melhor prova é a publicação, em appendice, nos romances de caracter regional, de extensos glossarios que os editores chegam a exigir. E isso em livros que não pretendem passar fronteiras. Aliás, Antenor Nascentes,

com a autoridade que lhe assiste na matéria, já assignalára que "no lexico são grandes as diferenças que se notam entre os diversos estados do Brasil; basta comprar um livro de Alfredo Rangel e outro de Monteiro Lobato". (1)

Na prosodia e na syntaxe são bem mais reduzidos os estudos existentes. Antenor Nascentes, Amadeu Amaral e Mario Marroquino, talvez sejam dos poucos que a elles se dedicaram. Este ultimo, além de reconhecer ainda não estar feito o estudo do nosso dialecto não foge á confissão de que temos varios dialectos: "A enorme extensão geographica em que o portuguez é falado no Brasil, dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina a nossa differenciação dialectal, trabalhos parcellados, feitos com criterio e honestidade, sobre cada zona do paiz". (2)

Não deixa de ser curioso quereremos a denominação de "Lingua Brasileira", quando ainda desconhecemos até as nossas modalidades dialectaes.

E mais adiante: "Dentro do conceito geral, temos no Brasil não um sómente, mas, varios dialectos ou subdialectos, atravez da immensa extensão do nosso territorio." (3)

Segue-lhe as pégadas, embora encarando o facto de maneira diversa da nossa, Antenor Nascentes: "a enorme extensão territorial sem facéis communições interiores, quebrou a unidade do dialecto, fragmentando-o em subdialectos." (4)

---

(1) — Antenor Nascentes, O linguaajar carioca, pg. 20.

(2) — M. Marroquino, A Lingua do Nordeste, pg. 5.

(3) — M. Marroquino, Lingua do Nordeste, pg. 9.

(4) — Apud Marroquino, pg. 9.

Silvio Romero tambem nos dá um trecho bem vivo dessa diversidade lexicologica: "mangeriba é em Pernambuco o mesmo que fedegoso, em Sergipe; fedegoso em Pernambuco é o mesmo que crista de gallo em Sergipe". "Tapioca em Sergipe é o mesmo que polvilho no Rio de Janeiro; tapioca em Pernambuco é um beijú feito de polvilho; gomma em Pernambuco é o polvilho do Rio, e em Sergipe é "a tapioca posta na agua fervente para se metter a roupa para engommar". (1)

Não ficam, porém, nas fronteiras do lexico as diversidades dos nossos dialectos. Na prosodia tambem são accentuadissimas. No Amazonas, em certos circulos sociaes, Clovis Montelro chegou a assignalar o nheengatú, mistura de tupy-guarany com português (2) e que talvez seja uma continuação do que Von Martius observou no seu glossario. Outro é o phenomeno no Pará onde é habitual trocar o som do ô ou ou por u e vice-versa, dizendo: canúa por canôa, cuco por côco, pupa, prua, por popa, prôa, Jouca por Juca." (3) E' pronuncia que o resto do Brasil desconhece, e bastante para assignalar o dialecto do Pará. Humberto de Campos, na mesma região, notou a "supressão do l na terminação das palavras: federá por federal; nacioná por nacional. Isso não nas camadas populares mas entre a gente culta, espiritos altamente litterarios". (4) E', aliás, de fixar que tal supressão se dá em todo o

---

(1) — Silvio Romero, *Estudo da Poesia Popular*, pg. 339.

(2) — Clovis Monteiro, *Portuguez da Europa e Portuguez da America*, pg. 122.

(3) — Carneiro, pg. 767.

(4) — Humberto de Campos — *Critica I*, pg. 88.

norte, mas apenas nas populações incultas. Como habito geral, mesmo entre as pessoas cultas, corrobora para a afirmação do dialecto paraense. Outras particularidades offerece a prosodia do cearense. Humberto de Campos assim resume uma dellas: "O vicio do cearense é a transformação do l em u: sau, papeu, barriu, por sal, papel, barril." (1) Será essa a pronuncia do bahiano mesmo inculto? De modo nenhum. O bahiano, como o paraense, supprimirá apenas o l final. Mas que é isso senão uma maneira particular de falar do cearense e que constitue o seu dialecto? Do Nordeste (Pernambuco e Alagoas) Mario Marroquino nos fornece grande copia. Convém, porém, deixar aqui alguns desses regionalismos, e de preferencia aquelles que se não encontram mesmo na Bahia, e que, portanto, melhor exprimem o ambiente restricto em que vivem sem mesmo transporem as fronteiras mais proximas. Mario Marroquino, estudando o consonantismo, estabelece como regra no Nordeste, a vocalização da prepositiva nos grupos Le e Rc. Assim: alco, alcançe, baicão, paico, baicaça, emboicá. Na Bahia não se observa o mesmo senão em relação ao grupo Rc. Em relação ao grupo Le predomina outra lei: a substituição do l por r, sem que com isso o novo grupo Rc se vocalize. Não será isso exemplo duma evolução incompleta? O mesmo se verifica com os grupos Lf; Lp; Lm. Por isso na Bahia se dirá gorfada, armirante, armeida, descurpa, ferpa, por goifada, aimirante, almeida, desculpa, felpa, emquanto no Nordeste se dirá goifada, aimirante, almeda, descuiça, feipa. E não se diga que são differenças de nonadas, pois, da somma dessas pequenas variações é que existem e se assinalam as variações dia-

---

(1) — Humberto de Campos — Critica I, pg. 88.

lectaes. Já ao se caminhar para o sul outras serão as particularidades a observar na prosodia. Dessas, a mais constante e que differencia perfeitamente o nortista do sulista, ao par do falar cantado do nortista, e o falar descанçado do sulista, (1) é a pronuncia do e e do o, que vão a mais e mais se tornando agudas com a aproximação da fronteira oriental, enquanto no norte se transformam respectivamente em i e u. Assim *dé* noite, *dé* manhã, *dé* tarde (2) *bótar*, *cólegio*, e que no norte fazem *di* manhã, *di* noite, *di* tarde, *butar*, *cullegio*.

Não ficam, porém, no lexico e na prosodia as variações dialectaes no Brasil. Entram tambem pela sintaxe, em cujo campo um estudo que ainda não existe, descobriria differenciações que não seriam de desprezar para o estudo dos nossos modos de falar. Atenhamo-nos, porém, aos que já estão feitos. Marroquino, compulsando o "Dialecto Calpira" notou de logo que no nordeste nunca se emprega o sujeito sem o artigo. Por isso se diz: "O patrão não travaia hoje"; "o caalo tava rinchano". Já em São Paulo se diz: "patrão não travaia hoje; cavallo tava rinchando". (3) E essa forma é tão persistente em Alagôas que se diz: o papai saiu hoje, a titia está doente; a Maria está na Escola. Não se fala de outro modo em Lisbôa. Já em Pernambuco, Bahia, Rio, de que podemos dar testemunho, nunca se emprega o determinativo articular.

Outro característico que separa o norte do sul, é no campo da sintaxe o uso do pronome recto e do pronome obliquo, este no sul e aquelle no norte. No

(1) — Antenor Nascentes, O linguajar carioca, pg. 30.

(2) — Carneiro, Serôas, pg. 767.

(3) — Marroquino, obr. cit., pg. 165.

norte ninguém dirá: — pr'a mim fazer; pr'a mim comer; pr'a mim levar, que são as formas correntes no sul. O nordestino empregará o pronome no caso recto: pr'eu fazer; pr'eu comer; pr'eu levar.

Outra expressão corrente no Rio e desconhecida no norte é o uso do verbo na terceira pessoa do indicativo, quando se interroga, desacompanhado da variação pronominal *ocê*. Assim no Rio se diz — Faz pr'a mim; Conta pr'a mim; Diz pr'a mim. No norte se usará: Você faz pr'eu? Você conta pr'eu? Você diz pr'eu? ou então Você me faz? Você me conta? Você me diz.

E que é tudo isso senão uma demonstração flagrante de que se adoptarmos, como criterio para separarmos a linguagem do Brasil e de Portugal em lingua portugüesa e lingua brasileira a existencia de differenciações que não prejudicam o entendimento entre os homens que usam de uns ou de outros, teremos tambem de separar em varias linguas a linguagem falada no Brasil? Disso não ha fugir. Ou preferimos esse criterio de differenciações e com ellas tanto emancipamos a linguagem do Brasil da de Portugal, com a do Pará da do Rio Grande do Sul e a de Bahía da do Rio de Janeiro.

Parece-nos não ser preciso dizer mais para convencer quantos queiram encarar o assumpto desapaixonadamente, de que longe de sermos um blóco linguistico, relativamente homogeneo e apto a se desligar da lingua portugüesa sem graves perigos para a nossa unidade linguistica, ainda somos um mosaico com as tonalidades varias e accentuadas dos nossos modos de falar regionaes. Dividimo-nos nos varios co-dialectos ou modalidades dialectas que aqui medraram, após a descoberta, em cada um dos novos nucleos da civilização, e que sómente mais



tarde, graças á nossa propria evolução politica, se encontraram e se caldearam sob a égide de linguagem de Portugal, não para formar por enquanto uma lingua diversa da portugueza, mas simples variedades que somente em futuro imprevisivel não poderão existir dentro da mesma unidade ideal da lingua commum. Por que, em verdade, que lingua falamos nós?

### A LINGUA DO BRASIL

Os arautos do projecto, quando se não escravizam a motivos patrioticos respeitaveis, mas falsos, assumem a attitude severa de cientistas puros, de lente em punho a esmiuçar cada uma das nossas particularidades linguisticas para affirmarem que são a prova irretorquível de que não temos a mesma lingua de Portugal. E isso seria verdadeiro se a unidade duma lingua estivesse sujeita a essa inflexibilidade, a essa uniformidade absoluta. Já vimos, porém, que a unidade linguistica está acima dessas pequenas variações dialectas, dos modismos e dos regionalismos. Como ensina Meillet "a lingua commum é aquella que se deixa reconhecer ao primeiro golpe de vista, é aquella que se deixa reconhecer seguramente a mesma onde as cousas não são immediatamente evidentes". (1) A unidade duma lingua é como a forma redonda da Terra. Quem negaria que esta é redonda porque tem saliencias até de 8.000 metros? Ninguém. E isso porque quando o affirmamos temos em mente apenas a visão do conjuncto, a visão ampla. O mesmo se dá com as

---

(1) — Meillet — Les Langues dans l'Europe Nouvelle, pg. 89.

línguas. Não ha nenhuma que resista a essa inspecção microscópica de que se querem valer os autores do projecto. Levadas a esse exame de minudencias, cada uma dellas se fragmentaria em dezenas de dialectos, não sendo mesmo absurdo se dizer, que cada individuo teria a sua lingua. E nem foi outro o motivo porque intelligencias nossas das mais versadas no assumpto sempre repelliram a idéa de termos não só uma lingua como até um dialecto. Aquil enfileiramos algumas dessas opiniões capazes, talvez, de convencerem os mais recalcitrantes. Devemos mesmo começar por um jacobino — Antonio Torres. Ninguem mais do que elle foi dominado pela lusophobia. Eis, porém, a sua confissão: “O Brasil — e com que nauseas o escrevo! — foi colonia de Portugal e desgraçadamente fala a lingua da antiga metropole.

Outro não menos nacionalista foi João Ribeiro. Será que lhe neguem muito amôr ás nossas letras, e á nossa lingua? Pois aqui têm a sua opinião: “A lingua nacional é essencialmente a lingua portugêsa, mas enriquecida na America, emancipada, e livre nos seus movimentos.” (1) Sílvio Romero tambem, com justiça, não merece senão louvores pelo muito que amou o Brasil. Isso, no emtanto, não lhe turvou a razão e nem fez com que procurasse no sacrificio da nossa lingua os seus titulos de brasilidade. Não diverge dos demais a sua opinião: “é evidente que se não pôde dizer que possuímos um dialecto brasileiro distincto do dialecto português, porquanto a lingua é uma só no Brasil e em Portugal.” (2)

---

(1) — J. Ribeiro — *Lingua Nacional*, pg. 262.

(2) — Sílvio Romero — *Poesia*, pg. 811.

Xavier Marques, emerito regionalista, primoroso estilista, por certo que não ha de pedir como favor que considerem patriotico o seu trabalho. Pois aqui o tem a depôr em favor da lingua commum: "Esbalecido entre todos melhor entendimento, apura-se finalmente que a lingua nacional é, e será por seculos, a que recebemos de Portugal". (1) E mais adeante: "O erro estaria e está em suppôr que, perfilhando estas ou aquellas construcções, taes ou taes phrases de nossa variante popular, já escrevemos em lingua brasileira." (2) Mais contundentes são Antenor Nascentes e Humberto de Campos. De ambos não se poderá dizer senão que bem serviram ás nossas letras. Irmanam-se tambem na convicção, que tambem é nossa, de que seculos adeante teremos a nossa lingua, a lingua brasileira. Qual será é difficil prevêr. Mas, é, talvez, fóra de duvida que não será o jargão cahotico, sem forma, sem belleza, que falam as classes baixas e incultas. Do primeiro eis o que escreve da actual "Lingua Brasileira": Por enquanto as divergencias syntaticas são grosseiros sollicismos que não merecem guarida". (3) Do segundo, o grande Humberto de Campos, sempre tão lucido no encarar os problemas, sempre tão preciso na expressão do pensamento e que tanto viveu a vida brasileira, é bem expressivo esse conceito sobre a lingua brasileira, que talvez possa existir daqui a tres seculos: "o idioma nacional brasileiro não será o português que escrevemos, mas não será, tambem, essa algaravia das minorias analphabetas, aggravada na cidade pela

---

(1) — Xavier Marques — Cultura da Lingua Nacional pag. 48.

(2) — Xavier Marques — Cultura da Lingua Nacional pag. 78.

(3) — Antenor Nascentes — Linguajar, pag. 61.

paixão da originalidade litteraria". (1) Aos observadores estrangeiros tambem não escapou que temos ainda a mesma lingua de Portugal. Aqui temos John Brauner e Leite de Vasconcellos. Do primeiro eis o conceito: "A differença entre o português falado no Brasil e o falado em Portugal é semelhante á differença entre o inglês da America do Norte e o inglês da Inglaterra". (2) E que são essas duas modalidades do inglês senão a mesma lingua? Pois é a mesma a differença que nos separa de Portugal. Por que, então, tambem não temos a mesma lingua?

Aqui temos Leite de Vasconcellos, o illustre philologo português: "A lingua nacional do Brasil é o português e que transportado a um meio tão differente do de sua origem, ahí soffreu muitas modificações". (3) — "O Brasil por causa da sua extensão e da variedade de raças que o povoam offerece-nos differentes dialectos." (4)

Talvez, porém, não se contentem os vanguardeiros do projecto com essas opiniões. Hão de dizer que não traduzem a realidade. Exageram as nossas differenciações com a lingua falada em Portugal e concluem em que a lingua não é a mesma. Para tanto recorrem ao lexico, á prosodia e á sintaxe. Em cada um delles assignalam particularidades peculiares ao Brasil. E dahi tiram o dogma que pintam de verde e amarello — a lingua brasileira! Con-

---

(1) — Humberto de Campos — Critica II — pg. 222.

(2) — John C. Brauner, A Brief Grammar of the Portuguese Language, Apud R. Garcia.

(3) — L. Vasconcellos, Esquisse d'une dialectologie portugaise, pg. 159.

(4) — Idem, pg. 161.

vem por isso percorrer separadamente cada uma dessas faces da linguagem para vêr melhor que se diferenças existem realmente, essas, com o serem de pouca monta, são, frequentemente, bom e velho português, reprodução do mesmo verificado entre a Inglaterra e os Estados Unidos na observação de Whitney, (1) e que de nenhum modo atestam a conveniencia ou a necessidade de bipartir a lingua commum, enfraquecendo-a e ameaçando-a de se fragmentar, no Brasil, em varias linguas em lucta pelo predomínio dentro da nacionalidade. Será isso aconselhavel ou mesmo patriótico; aos mais doutos entrego a resposta. Por ora fiquemos apenas no exame frio das nossas particularidades. Analisaremos primeiro o lexico, depois a prosodia e por fim a sintaxe. A conclusão virá depois.

### O LEXICO

Como argumento de effeito objectivo para demonstrar os factos que nos separam de Portugal no que tange á nossa linguagem, um dos mais usados foi o de que temos um lexico bem mais rico do que o português. Em 100.000 chegou até a se estimar o numero de palavras brasileiras. A cifra é por certo exaggerada. Pacheco Junior estimou-as apenas em 5.000. E, mesmo que não o fosse, poderia servir, como serve, para mostrar que augmentamos o poder de expressão da lingua commum, enriquecémol-a e ampliamol-a. Foi o que com muita propriedade assignalou X. Marques dizendo que "taes vocabulos antes enriquecem do que fazem diversificar a lingua". (2) Além disso será necessario examinar o cri-

---

(1) — Whitney — *La Vie du Langage* — pag. 128.

(2) — X. Marques — *Cultura*, pag. 63.

terio que presidiu á collectanea dos brasileirismos. Rodolpho Garcia, por exemplo, adoptou o mesmo seguimento por Lenz para as vozes chilenas e que é o seguinte: I — termos luso-brasileiros; II — termos pan-americanos; III — termos pan-brasileiros; IV — termos locais ou regionaes. E' certo que á simples inspecção desse criterio de logo se verá que apenas as duas ultimas cathogorias se poderão classificar como peculiares ao Brasil ou ás suas regiões. Destes, porém, para estudal-os como differenciações entre o falar do Brasil e Portugal por certo que se ha de deduzir as palavras referentes aos objectos, factos e costumes peculiares á vida brasileira e que, evidentemente, só aqui poderiam existir, por uma lei identica a que nos fez retirar da circulação os vocabulos que correspondem a objectos, factos e costumes referentes á vida de Portugal. E' o que já dizia Duarte Nunes do Leão: "Os homens falam do que fazem; e, portanto, os aldeães não sabem as falas da cõrte e os sapateiros não são entendidos na arte de marear". Nós somos dos tropicos, falamos a lingua dos tropicos. Quizessemos, porém, estabelecer como criterio ou mesmo como factor da existencia duma lingua o emprego por um grupo social de palavras que se não usam ou conhecem em outros grupos, e a que consequencias chegaríamos no Brasil onde cada região possui milhares de palavras de uso corrente, vulgar, inteiramente desconhecidas das outras regiões? Por que se analisarmos cuidadosamente os nossos dictionarios de brasileirismos de logo haveremos de notar que a maior copia de expressões, ao envez de ser fornecida pelos termos pan-brasileiros é pelos nossos localismos ou regionalismos, que embora se não possam apartar do nosso vocabulario, a que emprestam uma nova riqueza, tambem não podem ser tidos como in-

corporados á linguagem commum a todo o paiz. Esta, a linguagem commum a todos os brasileiros, aquella em que se entendem gaúchos e paraenses, paulistas e bahianos, fluminenses e cearenses, não apresenta, no lexico, accentuadas diversificações com a lingua falada em Portugal, salvo o que se refere ás peculiaridades proprias ao nosso ambiente, diverso do portuguez. Disso a melhor prova são, já o dissemos, os glossarios dos nossos romances regionaes. Tudo como que se reduz a uma questão de sinceridade e boa vontade. E quem disso se não quizer afastar difficilmente ha de observar diversamente. Como affirma Marroquino a nossa contribuição para o lexico da lingua commum teve uma triplice origem. (1) 1º — A conservação do portuguez archaico; 2º) a derivação e a composição dialectal, faculdade que herdamos do portuguez; 3º) — A contribuição estrangeira, principalmente, tupy e africana. Com isso enriquecemos a lingua. Trouxemos o concurso do nosso esforço para uma grande obra em que devemos nos orgulhar de participar. De modo nenhum, porém, esse accumulo de novas expressões, de novos vocabulos fez com que a linguagem corrente no Brasil inteiro, a que é tanto de nortista como de sulista, livre de regionalismos que não têm curso senão em áreas limitadas, seja diversa da portuguesa a ponto de se não entenderem os habitantes de um lado e outro do Atlantico, ou de não parecer a mesma ao primeiro golpe de vista do observador, como ensina Meillet. Por enquanto, a nossa contribuição ao lexico portuguez, as expressões que nos são peculiares não exigem e nem aconselham que a lingua portuguesa, como é falada no Brasil e em Portugal, deixe de ser a lingua com-

---

(1) — Marroquino, *Lingua do Nordeste*, pg. 125.

mum aos dois povos, dando logar a uma bipartição de que sómente poderá sahir mais fraca, restringindo a sua funcção social, diminuindo as suas possibilidades. Porque desse conceito não ha como fugir: uma lingua é tanto mais forte, desempenha tanto melhor a sua funcção, quanto maior é o numero dos que a falam. Isso é tão claro como um axioma. Apenas, no Brasil, é que ainda ha os que o contrariam: estes são os paes do projecto em debate. Querem duma lingua fazer duas, esquecidos de que ambas serão mais fracas do que a que se deseja mutilar. Poderão fazel-o. Mas não o hão de conseguir com esse fogo de artificio de differenças lexicologicas, que, reduzidas ás suas verdadeiras proporções, são bem menores do que o annuciado e proclamado numa argumentação facciosa. (v. pg. 9)

## A PROSODIA

E' cousa ainda não negada por ninguem, e nem o poderia ser, que a nossa prosodia actual diverge da actual de Portugal em alguns pontos. Resta, porém, saber se nessa differenciação prosodica nos afastamos do português, e que extensão tem essa diversificação. São dois pontos da maior importancia para bem respondermos ao projecto que se debate. Delles trataremos em conjuncto.

Eduardo Carlos Pereira resumiu em quatro itens as nossas divergencias prosodicas com a fala actual da antiga metropole: 1º) As vogaes breves atonas são breves aqui e brevissimas ou illididas em Portugal. (1) Pois bem, nesse ponto não fazemos mais do que guardar a boa e velha pronuncia português-

---

(1) — Eduardo C. Pereira — Gram. His. — 196.



sa, a prosodia que foi de Camões e que ainda hoje é nossa. Explica-se o facto por uma lei geral da linguística; o refugio de velhas expressões no interior, onde se enquistam livres da evolução dos grandes centros. Não ha desdouro em dizermos que no primeiro e mesmo no segundo seculo de colonização equivaliamos a um grande interior de Portugal. E' o mesmo phenomeno observado por Gillerion (1) em relação a velhos termos de latim vulgar, como *Pego* e *Papis* (egua e abelha) e que respectivamente nos Pyreus e no Medoc não completaram a sua evolução prosodica permanecendo até hoje na linguagem corrente. Aliás Rodolpho Garcia, estudando o assumpto e depois desse exame das nossas variações prosodicas poude concluir: "o Brasil colonia, manteve-se mais perto de Camões, Antonio Vieira, Fr. Luiz de Souza e outros exemplares da lingua, mais português emfim do que a propria metropole. (2) Não ha, portanto, por essa particularidade prosodica, já que nos conservamos fieis a matriz, ao português quinhentista e seiscentista, como catalogal-a como prova de que temos outra lingua.

2º — O e no dithongo ei e ei ( — em) e antes de gm, eb, lh, nh sãa em Portugal ã, mantendo aqui a pronuncia e e ei. Ainda aqui somos archaicos. Onde se terá visto antes do sec. XVIII a rima de *mãe com bem* ou de *peito, tenho, espelho senão* dentro da nossa prosodia actual? Não é, pois, preciso repetir os conceitos, que dispendemos no item anterior.

---

(1) — Gillerion — A. Linguistique, apud Desujet, la langue française, 14.

(2) — R. Garcia. Dic. Bras. XIII.

3º — O hiato éa sóa em Portugal éia. No Brasil, parece-nos, é difficil precisar o seu som: usamos ambos. Tanto pronunciamos ideia como idéa, platea como plateia.

4º — O s e o z no fim das syllabas, dil-o C. E. Pereira, sóa em Portugal x. E' elle proprio quem confessa que aqui tambem usamos em muitos centros a mesma prosodia. No norte é mesmo a mais frequente. Assim: Luix, baxta, pirez, extouro, doix.

Por esse resumo ter-se-á visto com segurança que as tão proclamadas differenciações prosodicas não são de tão grande monta e que, existentes, se nos separam da linguagem actual de Portugal mostram a nossa fidelidade ao velho português, áquella que para aqui trouxeram os colonizadores.

Não vemos, portanto, porque fazer disso cabedal precioso em favor da lingua brasileira. São simples variações dialectaes, que mesmo dentro do Brasil se notam em grande escala como bem vimos em capitulo anterior. E' o mesmo que se verifica entre o falar da Inglaterra e dos Estados Unidos. Naquelle, por exemplo, o a a ser pronunciado e e neste a manter-se mesmo como a. Isso, porém, não autoriza ninguem a proclamar que a lingua inglêsa não é a mesma nos dois grandes paizes contemporaneos. Apenas entre Brasil e Portugal é que essas divergencias prosodicas deveriam fazer descer uma cortina de aço separando maleficamente a lingua commum dos dois povos. Isso não é patriotismo — é histerismo patriótico.

## A SINTAXE

Na sintaxe temos o ponto mais serio, senão o unico, a debater. Nelle é que encontramos o genio das linguas, cada uma tendo sempre as suas normas

fixas e peculiares. No francês é o verbo que nunca apparece entre o sujeito e o complemento; no allemão o verbo no fim da phrase e nos interrogatorios o sujeito seguindo-se ao verbo. Nós, no Brasil, quer me parecer ainda não temos regras syntaticas fixas e diversas de Portugal. E' materia em que sempre dominou a maior confusão, e dahi as conclusões muita vez precipitadas.

O que commumente se verifica é nem sempre usarmos a mesma syntaxe actual de Portugal, mas isso sem prejuizo desta, tambem frequentemente usada. O facto explica-se pelas duas phases da nossa evolução linguística, como assignalou Virgílio de Lemos. Da primeira guardamos as construcções quinhentista e seiscentista. Da segunda temos as hoje usadas em Portugal. Nenhuma, porém, conseguiu se impôr. E com isso ficamos com ambas. Podemos mesmo affirmar com Antenor Nascentes e Marroquino, que ainda não nos fixamos em materia de linguagem. Continuamos ainda a evoluir, a transformarmos a linguagem, e isso não dentro da mobilidade geral a todas as linguas, mas de maneira tumultuaria, cahotica, que bem mostra a complexidade do nosso phenomeno linguistico dentro duma grande area territorial e com populações differentes. É o que Marrofine assim resume: "A syntaxe dialectal ma                    está soffrendo, ainda hoje, as modificações que hão de um dia fixar o rumo da variante linguistica." (1) Segue-lhe ás pegadas A. Nescentes: "Ainda é cedo para se fazer a syntaxe do dialecto." (2) Mas cedo por que? A resposta ha de vir immediata — cedo por que ainda não nos

---

(1) Marroquino — A Língua do Nordeste, 161.

(2) Antenor Nascentes — O Linguajar Carioca, pg. 61.

crystallizamos, ainda não nos fixamos em normas constantes, dos ora ainda evolucionarios. Mantemo-nos entre a corrente conservadora representada pelas classes cultas, que, se não se submettem inteiramente ás regras de Lisboa, numa attitude louvavel, tambem não desprezam as regras da clareza, da força da expressbo, da harmonia da phrase, do embelezamento e enriquecimento da nossa linguagem, polindo-a e aperfeiçoando-a; e a corrente popular, que observa os nossos phenomenos linguisticos, a nossa fala popular, e deseja dar-lhe fóros de linguagem culta e litteraria. Dar áquella a exclusividade para tratar das nossas questões linguísticas seria, por certo, dar á linguagem uma immobilitade artificial e deturpadora. Mas, por sua vez, entregar á ultima os destinos da nossa lingua — e essa seria a consequencia do projecto — será lançar-nos a uma ventura cujo fim seria o incremento das nossas modalidades dialectaes com tal vigor que não teriamos uma lingua, mas varias linguas. Se isso é beneficio approvemos o projecto. Mas, se não o é, meditemos antes de dar largas ao nosso nativismo, por que observado com segurança antes de deliberarmos havemos de nos convencer da incerteza das nossas normas mesmo aquellas tidas como mais caracteristicas da nossa linguagem. Dentre estas, aliás, no consenso dos nossos philologos, tres se destacam: a) a topologia grammatical diversa da de Portugal, b) o uso do nominativo *ele, ela, eles, elas* como objectivo directo, ao envez do accusativo *o, a, es, as*; c) emprego do dativo *lhe*, como substituímos o accusativo *o, os*.

Temos ahi tres particularidades da nossa linguagem a que ninguem se furte de minucias para mostrar as differenciações entre a sintaxe do Bra-

sil e de Portugal. No entretanto, se entrarmos na nossa litteratura para uma ligeira inspecção, e isso entre os autores mais novos e menos apegados aos preconceitos da grammatica, de logo ressaltará que taes construcções de modo nenhum afastaram aquelles hoje usados na antiga metropole.

Comecemos pelos pronomes. Foram estes sempre a pedra de toque das nossas dissencões com os philosophos portuguezes. O primeiro caso a estudar é o inicio do periodo com o pronome obliquo. Diz Marroquino que "é essa a regra geral da collocação em todas as classes, não só no nordeste, como no resto do Brasil (1) Said Ali e João Ribeiro abundam no mesmo conceito. Basta, porém, folhear alguns dos escriptores brasileiros, que ostentam o titulo de novos e fazem graça de seu horror ao preconceito grammatical, e não ha de ser isso o observado. Ha de se verificar, ao contrario, que usamos as construcções; tanto a tida por brasileira como a portugueza. Era o que já notára Paulino de Britto na sua celebre polemica com Candido de Figueiredo, dizendo que a verdade era portuguezes e brasileiros empregarem os pronomes mais ou menos do mesmo modo. (2)

Aqui vão alguns exemplos, tirados ao correr da vista sobre as obras dos nossos escriptores, muitos delles irreverentes para com as normas da grammatica. Bem mostram como ao lado da collocação chamada brasileira ainda predomina e é corrente a de Portugal.

---

(1) Marroquino -- A Lingua do Nordeste, pg. 185.

(2) Paulino de Britto -- Brasileirismos, pg. 89.

El-las:

Rojando-se aos pés de tudo quanto era mercador portuguez.

(Ant. Torres: Razões da Inconfidência, p. XXXVIII)

Livraram-se da massada de administrar uma colonia...

(ib, p. XLIX).

Vê-se dahi quão justificado é o asco pelo portuguez...

(Ib. p. LXIV).

Refira-se o poeta neste passo —

(Ib, p. LXVII).

Sugam-nos o sangue por todos os póros e sem temor de nada.

(Ib, p. LXXVII).

(2) Limitavam-se a fitar os olhos terriveis nos seus offensores.

(José Americo, A Bagaceira, 3ª ed. p. 15)

Encolhia-me, ficava pequenininho, para o bicho não me achar...

(Ib, p. 31)

Refazia-se. Mais cheia de corpo

(ib, p. 41)

Abolete-se moço. Tome a tipola.

(Ib, p. 70)

Virou-se ainda de borco.

Calaram-se as rezas.

(Amando Fontes, Os Corumbas, p. 11)

Vestia-se melhor. Andava-se no meio de gente...

(Ib. p. 19.)

Chamava-se Clarinha e servia, como ajudante,  
(Ib. p. 35)

Calou-se, os olhos amorosamente postos nella.  
(Ib, p. 213).

Dizia-se, á puridade, nos colloquios  
(Domingos Olympio, Luzia-Homem, 2ª. ed.  
p. 77).

Deixe-me socegada.  
(Ib. p. 28).

Acho-te hoje tão mudada!  
(Ib, p. 269).

Deixa-te disso — acudiu Luzia, com ternura  
(Ib, p. 306.)

Apinhava-se gente no telheiro da estação...  
(José Lins do Rego, O Moleque Ricardo, p. 32)

Criei-me no meio do povo  
(Ib, p. 57)

Contava-se, que estava com mil operarios em  
Jabotão,  
(Ib, p. 104)

Dizia-se que naquella arte morria-se aprendendo  
(Lauro Palhano, O Gororoba, p. 14).

Deixa-te stá, moleque descarado,  
(Ib, p. 121)

Disse-me Josepha que lhe quer muito bem,  
(Ib, p. 189)

Levantamo-nos. A manhã estava fria.  
(Clovis Amorim: O Alambique, p. 15)

Lembrei-me de casa, do meu quarto, dos meus.  
(Ib, p. 21)

Gabava-se de conhecer todos os symptomas da  
thysica pulmonar.  
(Ib, p. 45)

Mettiam-se pelos meus ouvidos com a precisão de uma verdade.

(Ib, p. 55).

Lembro-me apenas que minha mãe soluçava.

(Jorge Amado — 1. p. 19).

Alegrava-nos o dia sem trabalho, o salario pago.

(Ib, p. 113).

Benziam-se atrapalhados.

(Ib, p. 114)

Despedimo-nos. Elle segutu.

Ib, p. 171).

— Cale-se diabo, cale-se diabo.

(José Luiz do Rego: Bangué, p. 27)

— Lembre-se disso. Que rapaz perdido!

(Ib, p. 30)

Via-me tão amigo que não tivera receio

(Ib, pg. 91)

Olhou-nos. Maria Alice disse qualquer cousa

(Ib, pg. 104.)

Levantamo-nos para vêr.

(Ib, p. 114)

Apromptamo-nos para sahir.

(Ib, p. 168).

Respeitaram-me. Viram-me meio aluado.

(Ib p. 296)

Ahi estão engrazados alguns exemplos que se poderiam multiplicar se houvesse espaço e paciência para os transcrever. Nelles o pronome apparece em collocação que, se não é correcta para os autores do projecto, é, pelo menos, a que dizem usada em Portugal em opposição á nossa. Realmente a these que sustentamos é termos as duas formas. Am-



bas são usadas. Nenhuma, porém, domina. Da que chamam brasileira são também múltiplos os exemplos nos mesmos autores e obras mencionadas. Esquivamo-nos de coordenar-as por desnecessário. Temos já ser o bastante para convencer a quantos queiram lêr sem os antolhos da paixão, que não podemos proclamar a proclise dos pronomes atonos como regras constantes e fixas no Brasil. É o mesmo em relação á topologia geral dos pronomes. Não temos o rigorismo de Portugal, onde apenas é usado uma forma: temos duas. Uma culta e outra inculta. O que se não poderá dizer é possuírmos uma norma unica e opposta á portugueza. Mas, que é isso sinão ainda uma consequencia do nosso "velho portuguez", onde também se encontram com frequencia essas indecisões syntathicas? Porque então querer fazer disso um cavallo de batalha em favor de uma lingua diversa da de Portugal? Nessa materia não alteramos e nem innovamos. Limitam-nos a conservar as duas formas existentes na epoca da nessa colonisação, emquanto que em Portugal uma dellas cahia em desuso e passou a ser tida por impropria. Nada mais, nada menos. E é bem pouco para se falar em uma nova lingua.

### O ACCUSATIVO "O"

Quanto ao emprego do nominativo elle pelo accusativo o diz Marroquim que "esse emprego é geral em todo o Brasil." Pode ser geral, podem usal-o nortistas e sulistas, mas o que não será é uma regra uma norma exclusiva por que pautemos a nossa linguagem. É ainda entre os novos, que vamos encontrar a mesma duplicidade, aliás, já notada mesmo entre os mais castiços escriptores portuguezes. Fixemos algumas provas da assertiva:

Infante, tivera pavor as trevas em que Milonga  
o deixava;

(José Americo, Bagaceira, p. 34).

E gritou que eu não o apporrinhasse.

(Ib, p. 78.)

Josepha o ajudava dia e noite

(Amando Fontes, Os Corumbas, p. 16)

... lembrando-se das mil occupações que a es-  
peravam

(Ib, p. 24).

E num ar escarninho censurou-a.

(Ib, p. 28.)

... chocou o velho, que vivamente a atalhou  
para dizer:

(Ib. pag. 44).

A velha, que a esperava na porta do seu quarto

(Ib, pag. 77).

— Tu a defendes, porque és parceira dela...

(Domingos Olympio: Luzia-Homem, pag. 25.)

Quem a ouvir, não a leva presa.

(Ib. pag. 235).

Alliviemol-o da carga — ordenou o velho.

(Ib. pag 249)

... ia passando esquecido quando o jardineiro o  
chamou

(José Lins do Rego — Moleque Ricardo — pg. 39)

As criadinhas que vinham receber o pão procu-  
ravam agradal-o com sorriso

(b. p. 45)

Entregou-o ao aprendizado de Mestre Antonio

(Lauro Palhano — O Gororoba, pg. 13)

O calor abafava-o, a saudade affligia-o

(Ib. p. 34.)

Evitava-a quanto podia e ella o procurava.  
(Ib. pg. 233)

... eu o admirava bastante.  
(Clovis Amorim — O Alambique, p. 64)

Americo, toda vez que o via, dizia sempre.  
(Ib. pag. 86)

Meu pae tomava-a então nos seus braços.  
(Amando Fontes — Os Corumbas — pg. 20.)

Colodino apertou-o nos braços longamente.  
(Ib. pg. 170)

Amava-o immensamente, sem elle saber.  
(José Lins do Rego, Banquê — pag 13)

Via-o entre passando pela minha porta  
(Ib. p. 36.)

Encontrava-a a caminho do banho do rio  
(Ib. pag. 85.)

Apertava-a cada vez mais para junto de mim.  
(Ib. p. 36.)

Dizemos, portanto, como Portugal, não é um acaso ou uma excepção. É construcção tão usual como a que lá existiu nos seculos XV e XVI e que ainda mantêm aquelles que entre nós se não deixaram vencer pela forma litteraria ou culta. Significará, porém, essa duplicidade que nos collocamos em posição irreconciliavel com a linguagem de Portugal? A respondermos, preferimos deixar esse mister aos proprios 'cruzados da lingua brasileira, que de armadura e escudo sahiram em busca da conquista de uma nova lingua, talvez molinhos de vento, miragem de D. Quixote.

Onde estás Sancho Pança que não advertes aos teus senhores?

**O "LHE", DATIVO E ACCUSATIVO**

Não será ainda outra a observação no que se refere ao *lhe* dativo e accusativo. Pela sua própria natureza, tratando-se da pessoa com quem se fala é forma mais rara de se encontrar entre os escriptores. Assim mesmo não faltarão exemplos:

Desculpa se o fiz esperar

(Gastão Cruls: *Vertigem*, pag. 8)

... como foi que o deixaram nesta escuridão!

(*Ib.*, pg. 8).

Era também intenção minha deixal-a repousar.  
(Domingos Olympio — *Luzia-Homem*, pg. 169.)

E como hei-de chamal-o?

(José Lins do Rego — *Banguê*, pag. 89)

Deante disso e depois disso, trazidas para o campo da observação essas nossas diferenciações syntathicas, bem se vê que não têm a extensão que se lhes quiz emprestar: a de alavanca capaz de deslocar a nossa unidade linguística. Ao envez de termos uma construcção unica mantivemos duas empregando ora uma ora outra, embora as classes cultas dêem sempre preferencia á hoje usada em Portugal.

É o caso de se perguntar: que é lingua brasileira?

**A LINGUA BRASILEIRA**

Aquelles que nos acompanharam até aqui já deve ter occorrido que a resposta não é facil.

Em tres excepções podemos empregar a expressão lingua brasileira: 1º — para designarmos o falar das nossas classes incultas, o nosso jargão. 2º. — para nos referirmos a lingua portugueza

com as modalidades dialectaes que apresentam no Brasil. 3º — a lingua geral ou tupy.

Temos como certo, e cremos fazer-lhes justiça, que os autores do projecto visaram a segunda acceção.

Não havia, cremos nós, de occorrer-lhes eleger o nosso linguajar inculto, do nordeste ou do caipira, do gaúcho ou do praieiro, em idioma nacional, que é, segundo Sylvio Romero "o que temos por ora e bem accentuado". (1)

Ou será que divergem de Quesada quando pergunta ao discutir a questão da lingua nacional da Argentina: "em que parte do mundo a lingua dos camponios é considerada como lingua do paiz?" (1) Não cremos.

Tambem não quizeram por certo se referir á lingua geral ou tupy, lingua nativa e que tanto ameaçou o dominio da lingua portugueza no Brasil, chegando a exigir que pela provisão de 1727 fosse prohibido o seu uso na terra de Santa Cruz.

Fixado, portanto, o objecto da nova designação proposta pelos illustres patrocinadores do projecto resalta de logo a sem razão que encerra e o grave perigo que consistiria para nossa unidade linguística.

Sem razão porque se abandonarmos o criterio microscopico, substituindo pela visão larga e ampla do conjuncto, de logo se verá que nesse sentido não poderemos affirmar a existencia da lingua brasileira, perigo para nossa unidade linguística

---

(1) Sylvio Romero — Estudos de Poesia Popular, pg. 313.

(1) E. Quesada — El Problema del Idioma Nacional — VII.

porque se dermos as nossas modalidades dialectaes o nome de lingua brasileira, emancipando-as assim, de golpe, de qualquer subordinação a lingua matriz, antes mesmo de termos um typo linguistico nosso, commum a todo o paiz, correremos o risco de vermos cada uma dessas modalidades proclamar-se com razão, como sendo a melhor ou a bôa lingua brasleira. Por certo que nenhum dos nossos dialectos se julgarão com menos direito do que o seu vizinho do norte ou do sul. Será a lucta dos dialectos. A fragmentação da linguagem. E a que extremos poderemos chegar? Pois, a lingua brasileira, tudo bem ponderado, não é outra cousa. Ou é isso, ou não é nada. Ou é esse conjuncto, essa somma de variedades dialectaes que aqui se desenvolveram ha quatro seculos e ainda subsistem ao sul e ao norte, ou então não sabemos o que seja, pois de nenhum modo poderemos nos convencer da existencia de uma lingua commum a todo o paiz e diversa da portugueza.

Lingua brasileira, no momento, é mais do que um erro, é um crime.



## CAPITULO IV

### *Conclusão*

Sem grandes divagações, deixando aqui apenas o que julgamos o indispensavel para o estudo da questão, bem podemos concluir.

Vimos o modo porque evoluem as linguas dentro de duas forças oppostas e de como intervem o poder publico numa orientação, que poderíamos dizer constante, para a unificação da linguagem. Justamente o opposto do que se pretende no Brasil.

Estudamos a função das linguas communs, realisando quanto possivel esse ideal da communição do pensamento entre o maior numero de homens numa maior extensão territorial. Com esse criterio norteamos o nosso trabalho certos de que fizemos obra patriótica antes de pretendermos obra de linguista ou de philologo para o que nos faltaria competencia. Foi com esse objectivo — o unico aliás possivel no exame da questão por um órgão politico — que observamos não podemos estabelecer as fronteiras que separam duas linguas sinão



pela sua funcção. Dahi termos recorrido não as investigações rigorosamente scientificas de gabinete, que assignalam uma lingua differente de individuo a individuo, mais a visão alta do objectivo da linguagem. Nisso seguimos o insigne João Ribeiro: "a unidade da lingua consiste em que as pequenas differenças individuaes e mesmo provinciaes não destroem o principal fim da linguagem: a possibilidade de communicação do pensamento. Essa possibilidade deixa de existir ás vezes, e dahi é que começa a independencia do dialecto propriamente dito ou da lingua estranha. Esse criterio basta para resolver a enfadonha questão daquillo que se tem chamado dialecto brasileiro." (1)

Pouco importam as nossas differenciações parciaes ou regionaes. Estas existem em todas as linguas faladas numa grande extensão territorial, sem que tal facto impeça a unidade das mesmas. Não havemos nesse ponto de ser mais severos do que os outros paizes, sujeitando a nossa lingua a torturas desconhecidas das outras em que se divide a linguagem da humanidade.

Tivessemos autoridade para tanto e o que aconselharíamos não seria a intervenção do poder politico no sentido de segmentar a lingua e sim no de coordenar-a, disciplinar-a, engrandecer-a e fortalecer-a na sua unidade. Aliás, já houve quem dissesse que se falasse uma grande lingua, como o francez, ou o inglez era justo que não mudassemos de falar, mas por falarmos uma lingua fraca, pouco disseminada, o portuguez, bom seria que nos separassemos, renunciando a essa herança de Portugal. Pezemos o argumento. Se a nossa lingua é fra-

---

(1) João Ribeiro — Dic. Grammatical — pag. 135.

ca — tumulto de escriptores — apesar de levada pelos descobridores portuguezes á America, á Africa, á Asia, irá ganhar em poder com o se isolar no Brasil?

Podem acóimal-a do quanto entenderem, mas dizer-se que a fragmentação, a bipartição, lhe dará novas forças, novas energias, maior poder de expansão, é cousa de admirar seja dito em tom serio. Será que o termos uma lingua, que, bem ou mal, é falada na America, na Europa, na Africa e na Asia, nada representa? É talvez de lastimar que não tenhamos uma lingua tão poderosa como o inglez ou o hespanhol, mas buscar-se na separação o remedio para o mal, mais parece uma ironia de Swift ou Shaw. Temos um callo que nos difficulta o andar e queremos por isso, como receita milagrosa, uma amputação.

Convençamo-nos de que a unica solução para a linguagem, nessa sua inquietação perpetua, são as linguas communs, as linguas que existem, não por uma homogeniedade absoluta, mas pela sua alta finalidade, pelo muito que servem aos homens, sobrepondo-se aos modismos e regionalismos para se tornarem util instrumento de communição de pensamento. E, se não bastar o termos demonstrado á saciedade como são pequenas, vistas do alto, as nossas divergencias com a linguagem de Portugal, recorramos então aos exemplos dos povos hispano-americanos e norte-americanos, que ainda se não julgaram, apesar das divergencias que separaram a sua linguagem do hespanhol de Castella e do inglez da Grã-Bretanha, na necessidade ou na conveniencia de instituirem novas linguas officiaes. Faltar-lhes-á intelligencia ou patriotismo, ou terão sido levados a essa attitudo na defesa de um patriotismo commum e necessario?

Nós, mais do que quaesquer outros, com variedades dialectaes Innumeras dentro dum grande territorio mal servido de vias de communicacão, pensemos antes de deliberar para que não recaia sobre nós a responsabilidade duma divisão perniciososa, multipartindo o paiz em dialecto autonomo e portanto, em verdadeiras linguas, desde que lhes falte um ponto de apoio, que ainda é a lingua commum ao Brasil e Portugal, a lingua portugueza.

Eis porque temos a profunda convicção de bem servirmos aos mais altos interesses nacionaes, aconselhando a rejeição do projecto por inconveniente á nossa propria unidade politica.

